



---

# Relevo

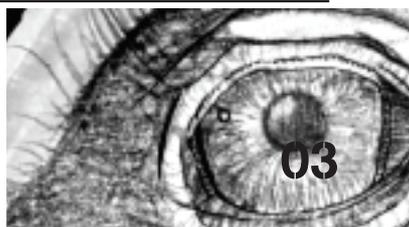
Jornal

PARANÁ | JULHO DE 2014 | EDIÇÃO XII | ANO IV

# EDITORIAL

1. Estamos às portas de completar quatro anos. Foram 54 edições e 55 capas, já que conseguimos a façanha de imprimir uma edição especial com resolução deplorável e reimprimirmos no dia seguinte com outra capa;
2. Publicamos aproximadamente 600 autores e mais de cem artistas visuais, entre cartunistas, fotógrafos, ilustradores;
3. Somos um impresso sem fins lucrativos e o único com serviço de prestação de contas públicas, o que nos torna um vexame financeiro transparente e com números;
4. Ao lado da *Folha de S. Paulo* e de *O Povo*, de Fortaleza, somos um dos três impressos nacionais a contar com o serviço de ombudsman. Nesta edição, estamos com um ombudsman interino. A partir de agosto, o escritor Whisner Fraga se torna nosso terceiro ombudsman;
5. Muito já foi dito sobre as dificuldades de se manter um impresso nos dias atuais. É difícil? É. Devemos nos levar muito a sério? Não.
6. Nosso propósito continua sendo publicar autores novos, em começo de carreira, mas temos buscado balancear com crítica literária e alguns figurões, até para que não fiquemos à margem de nós mesmos;
7. Todo ano fazemos uma Edição de Colecionador, reunindo os números da temporada em algum tipo de suporte especial. Já foram caixas de pizza, pacotes de pão e sacos de batata. Ainda não sabemos o que fazer este ano. Aceitamos sugestões;
8. Precisamos crescer, ter um site, uma distribuição melhor, entregas mais setORIZADAS, mais páginas. Precisamos disso tudo. E de investidores;
9. Não aceitamos dinheiro público e nosso setor comercial praticamente inexistente. Contamos com o apreço de algumas empresas e comércios, alguns desde a primeira edição, e temos um banco de assinaturas, hoje com aproximadamente 150 assinantes. Assine. Divulgue sua marca conosco. Não é caro;
10. Por fim, poucas coisas podem ser tão satisfatórias quanto editar um impresso. Obrigado a todos que possibilitam mensalmente isso. Boa leitura.

Ombudsman  
Mateus Lourenço



Gabriela Saueia 06

Pedro Lemos 07

Mateus Ribeirete 08

Andréia Carvalho



Valdinéli Martins 12

Enaiê Azambuja 15

Camillo José 18

Edivaldo F. dos Santos 19

Guilherme Giublin 22

Raphaela Vieira



Saulo Adami 28

Ademir Demarchi 30

Daniel Osiecki 31

Kendra DeColo 32  
Tradução: Miriam Adelman



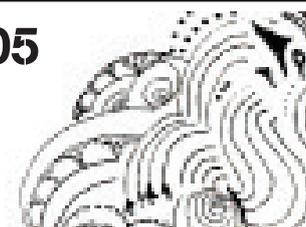
## ERRATAS

Na página 32 da edição de junho, acima da biografia de Czeslaw Milosz, está um Obra-Prima que não deveria estar ali, um rescaldo de poema da edição anterior, de maio. Poderia ser metalinguagem. Se preferirem, é.

Na edição especial de junho, com poemas de autores dos oito países que passaram por Curitiba na Copa do Mundo, mais uma conquista nossa às avessas: não colocamos o crédito da capa, que é do excelentíssimo fotógrafo Vinicius Ferreira.

Daniel Zanella

05



Marco Aurélio de Souza

09

Victor Turezo

11

Ricardo Pozzo

13

Enrique Cavalini

14

Benjamin Ganubla

17 16



22 23

21 André Caliman

Benedito Costa

25 24



## EXPEDIENTE

Fundado em Setembro de 2010

Editor: Daniel Zanella

Editor-Assistente: Ricardo Pozzo

Revisão: Mateus Ribeirete

Ombudsman: Mateus Lourenço

Projeto gráfico: Iara Amaral

Impressão: Gráfica Exceuni

Tiragem: 3000

Edição finalizada em: 23 de julho

## CONTATO

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo

## CAPA

João Paulo de Melo é artista e tem um declaração sobre a capa: "Pachamama".

## PRESTAÇÃO DE CONTAS JUNHO DE 2014

### ANUNCIANTES

R\$ 50 (FISK)  
R\$ 50 (MARCIO RENATO DOS SANTOS)  
R\$ 50 (PÃO & VINHO)  
R\$ 50 (ÁGUA NA BOCA)  
R\$ 50 (AVON)  
R\$ 50 (CALCEAKI)  
R\$ 60 (DEFENESTRANDO)  
R\$ 100 (ALLEJO)  
R\$ 50 (LIVRARIA JOAQUIM)  
R\$ 50 (DICESAR BECHES)  
R\$ 50 (COWORKING INSIGHT)  
R\$ 50 (POETRIA)  
R\$ 650

### ASSINANTES

R\$ 150 (PAULO BEARZOTTI)  
R\$ 50 (FLAVIA MARKS)  
R\$ 50 (GUILHERME GONTIJO FLORES)  
R\$ 50 (MARCELO FEDEGGER)  
R\$ 150 (CILENE TANAKA)  
R\$ 50 (YURI CAMPAGNARO)  
R\$ 50 (ALEXANDRA BARCELLOS)  
R\$ 50 (OSNY TAVARES)  
R\$ 50 (LIS CLAUDIA FERREIRA)  
R\$ 650  
Total: R\$ 1300

CORREIOS: R\$ 280

DISTRIBUIÇÃO: R\$ 80

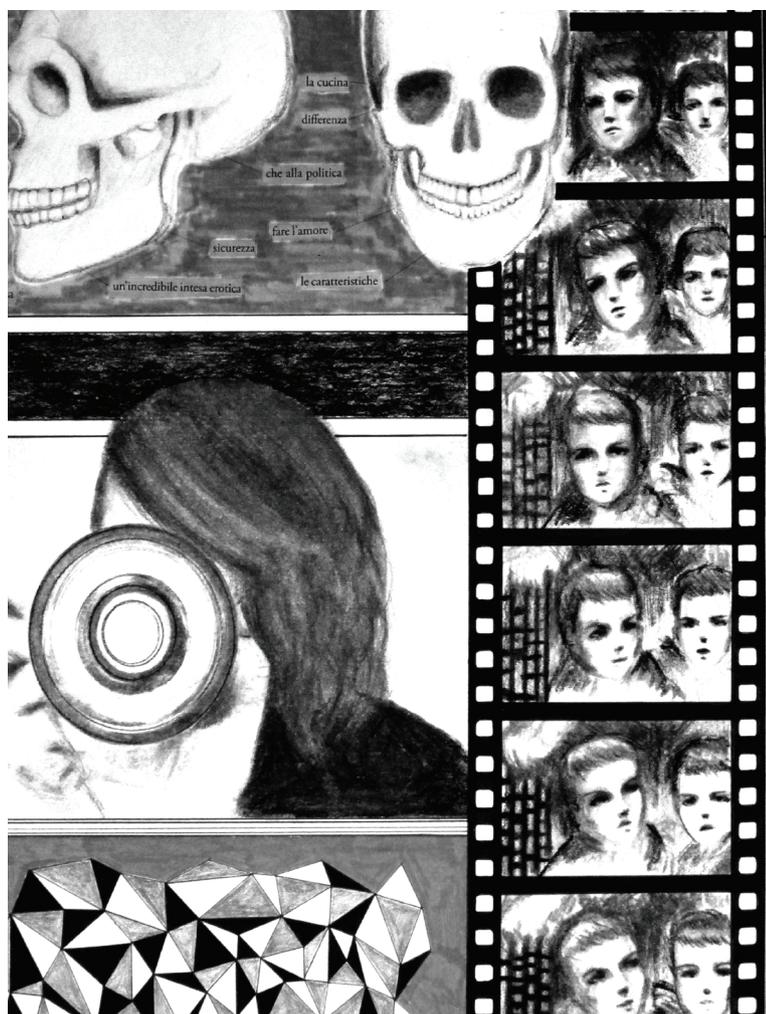
PAPELARIA: R\$ 70

IMPRESSÃO: R\$ 1100

CUSTO TOTAL: R\$ 1540

Balanco: R\$ -240

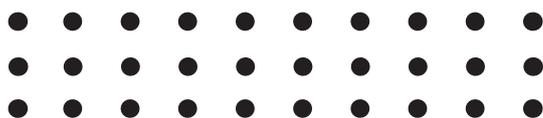
Mateus Lourenço  
OMBUDSMAN



Karen Matias

Pouca gente imagina que o RelevO já tenha quarenta anos. Provavelmente porque o RelevO não tem quarenta anos. Tem quatro. Nos mais de mil dias de vida material e digital, houve grande evolução, esse fenômeno comum a todos os seres vivos não integrantes do Casseta e Planeta. Nota-se, por exemplo, como a diagramação avançou. Quero dizer, olhe para essa página. Não se preocupe com ler, por ora; apenas aprecie um pouco dessa limpeza visual elegante aliada à capa e às belíssimas ilustrações componentes de cada exemplar, que, feito o Facebook, “é gratuito e sempre será” (ao menos, acho eu que será. Isso não é um comunicado oficial. Não me cobre). Enquanto você o aprecia, acrescentarei algumas linhas de Lorem Ipsum. Pode resumir a leitura no parágrafo seguinte. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.

Dirijamo-nos agora aos textos. Com o intuito de revelar gente não publicada, o RelevO oferece uma oportunidade muito, muito legal de apresentar material e, principalmente, acreditar nele. Claro que qualquer um pode publicar o que quiser na internet, além de divulgar para quem entender, potencializando um alcance indubitável. Por outro lado, a sensação de ter seu texto impresso e espalhado, de saber que alguém disse “gostei do que você escreveu; posso repassar em papel?” oferece um empurrão capaz de alterar seu pequeno universo circum-navegatório.



Não há literatura sem leitores, como não há idolatria a David Luiz sem sérios problemas gerais de interpretação. Os textos, enfim, também melhoraram muito, sustentados por uma base maior de colaboradores, interessados e curiosos. O que começou como mezzo belo projeto, mezzo belíssimo pretexto para o editor enviar e receber poesias de belas mulheres, já se transformou em mezzo belo projeto, mezzo belíssimo pretexto para o editor enviar e receber poesias de belas mulheres, porém com maior qualidade nos textos e, suponho, das mulheres (carece de fonte).

Não julguemos o editor. O jornal é gratuito, dá um trabalho do cacete e ainda acarreta em prejuízo de dinheiro e sono. Ou julguemos o editor, tanto faz; quem sou para tentar te convencer de algo? (Ele, o editor, ainda tem que lidar com esse tipo de babaca). Entretanto, chegou a hora do salto de qualidade, de atravessar o Rubicão. Após conversar com o revisor, nadamos à conclusão – aqui traduzida para sugestão –, de que, para manter a ascendência do RelevO, é chegada a hora de reduzir o critério “beleza da autora” na hora de selecionar alguns textos. Uma vez ignorada, ou ao menos relevada (argh, sem querer) essa condição, o presente periódico subirá outro degrau em sua breve história.

Nada a acrescentar. Finalizo aqui os apontamentos de ombudsman, essa função difícil de pronunciar, mas ainda mais difícil de preencher (CONTRATA-SE! Tratar com Daniel Zanella em [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com). Enviar foto).

#### *Nota do editor:*

*Esclarecemos que, ao contrário do que alega nosso ombudsman-interino Mateus Lourenço, o RelevO não é uma entidade idealizada-ungida com o intuito de estabelecer relações de afeto & carinho com as escritoras ou, quiçá, leitoras que compõe o periódico.*

*Há, sim, um propósito de equilibrar o número de colaboradoras com o número de colaboradores, o que, de fato, tem sido um problema pouco recorrente de uns dois anos pra cá. Ao mesmo tempo, é natural que aconteça um maior entendimento nas coisas do coração entre semelhantes de uma mesma área – o que o ombudsman especula por um viés possivelmente maldoso e reducionista, o editor entende como natureza.*

*E, sim, habemus ombudsman definitivo: é Whisner Fraga, escritor mineiro, radicado em São Paulo, contista e poeta, autor de mais de dez livros. Ele abre os trabalhos a partir de agosto.*

*\* Mateus Lourenço, 22, é CEO da Cerberus, empresa responsável por comprar poesias vendidas na rua por estudantes de Letras, apenas para dar de comida a cachorros em frente aos autores. Nas horas vagas, atua como ghost writer e se dedica ao árduo ofício de criticar a crítica literária, sendo, na crítica literária, o que o crítico foi na época em que a crítica literária era mais crítica literária.*

Daniel Zanella



Karen Marias

## CARTAS PERDIDAS

Ando tão cansado, meu amigo, que você me pergunta onde fica a Rua Capivari e eu não sei para que lado te garantir. Desculpe-me.

\*

Novidades do coração? Nenhuma, minha amiga. Como andam as coisas aí no Rio Grande do Sul? Muito frio? Estou de férias, mas trabalhando muito. Gostaria de saber inventar palavras. Venha me visitar. (Mas só depois da Copa...)

\*

É tão estranho te ver casar. Pensei que nós nos afundáramos em copos e críticas ao excesso de trabalho e falta de dinheiro até o dia em que alguém inominado se lembrasse de nós e nos levasse para a morada infinita – mesmo o nosso ateísmo, apesar.

\*

E ela está grávida. Ficamos felizes? Sim, ficamos, meu caro. Você vai ver, essa criança vai começar a andar pela casa, vai ver futebol conosco, vai quebrar umas coisas, é verdade, e, quem sabe, até beberá com a gente – e com mais parcimônia, garanto. Certeza de que ela não está nos ouvindo?

E nós sofreremos por seu filho porque a vida é um tanto difícil mesmo, com suas dores de amor e tristeza de manhã sem sol. Mas a cada palavra descoberta por essa criança será um novo nome contra o mar de sargaço de nossos corações. Estamos envelhecendo sem perdão.

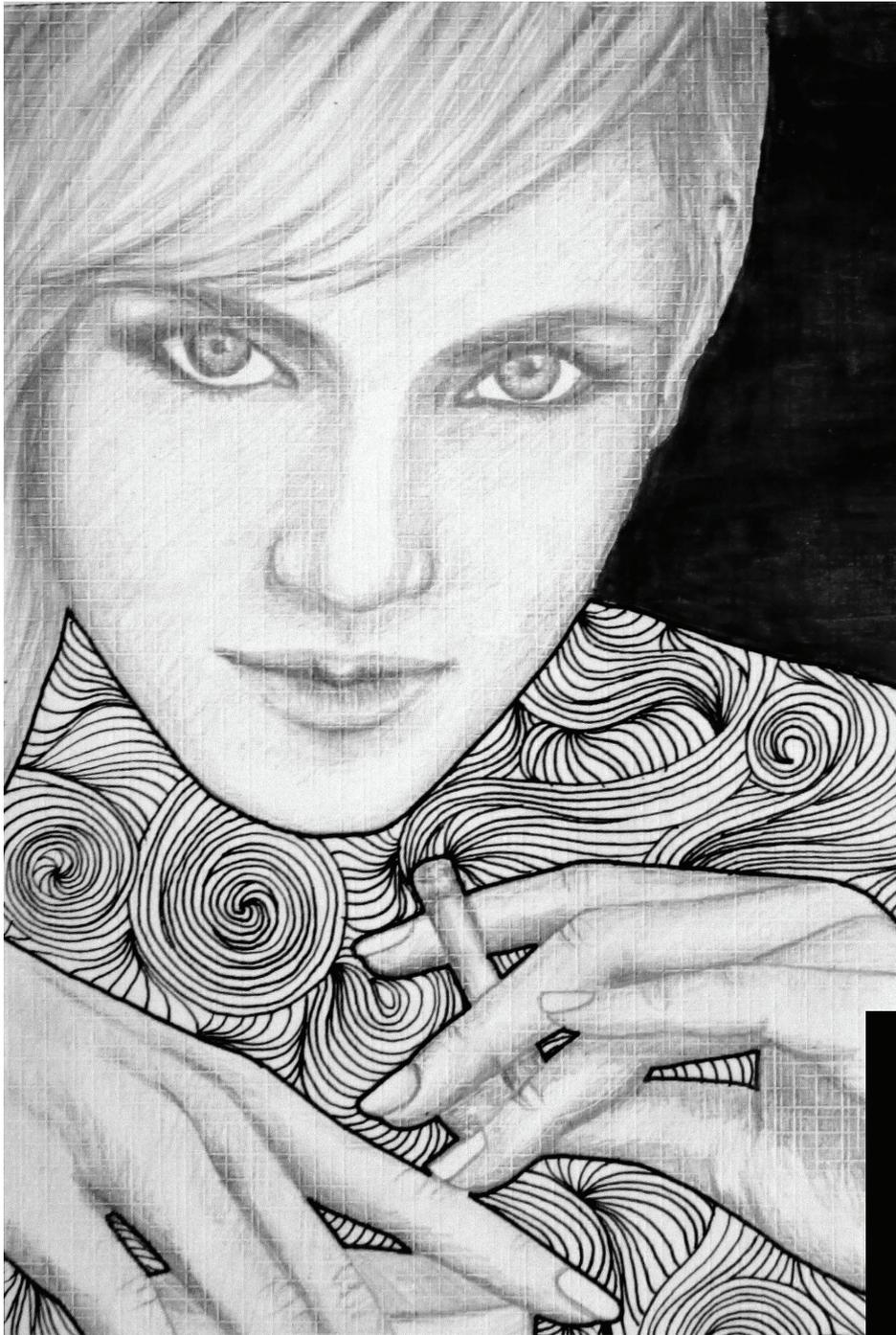
\*

Tudo bem por aí?

Seguinte, na segunda-feira, às 18h30, irei ver um documentário sobre a trajetória de um arquiteto. Se você quiser, pode ir comigo. Como vou direto do trabalho, podemos nos encontrar na cafeteria.

Que acha?  
Beijos

Gabriela Saueia



tudo é tão imprevisível  
o céu  
a vida  
os dias  
lembro de você me dizendo  
'this day will never  
happen again'  
e era (tudo) verdade.

\*

não sei me mover de mim  
não sei como me livrar  
de todas essas vozes  
que me mantém acordada  
que me prendem  
que me tornam estática  
anestesiada  
pra tudo  
que vem  
de fora.

\*

perdi a voz  
perdi o chão  
perdi a cabeça  
e estou perdendo  
o coração  
tum-tum-tum...

...tum-tum-tum...  
tum-tum  
tum  
tum-tum  
tum.

\*

só uma música  
constante na minha cabeça:  
these streets are yours  
you can keep them  
i (don't) want them anymore  
eu não posso continuar  
aqui  
aí  
nessa nossa vida sem nós.

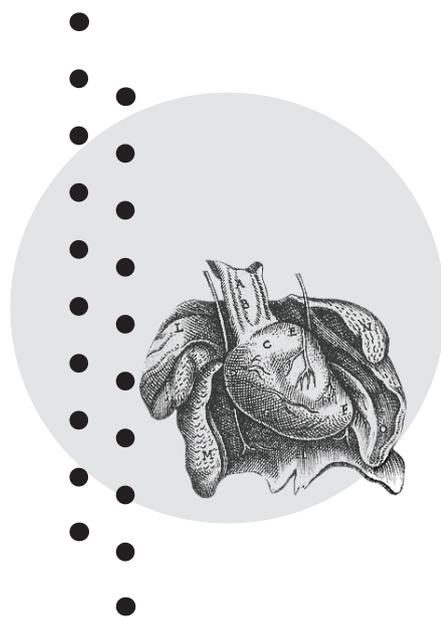
\*

change the locks  
change the scence  
change it all  
but can't change  
what we've been

(e  
mesmo que agora eu seja outra  
ainda  
te carrego  
comigo  
o  
tempo  
todo).

Pedro Lemos

POEMA PARA AS MULHERES  
 QUE NÃO MERECEM  
 MEUS POEMAS



11.04.14  
 levem meu carinho  
 levem minhas palavras  
 levem tudo de bom que brota em mim  
 era pra vocês mesmo  
 levem meu piano de cauda  
 levem ingressos para meus shows  
 levem meu cachorro  
 deixem meu cachorro em paz  
 não toquem nele  
 levem o que a gente passou  
 mas ao menos  
 deixem o que a gente  
 deixou de passar  
 o amor nunca visitou essa casa  
 mas a mesa estava posta  
 caso ele viesse  
 levem essa garrafa de ilusão  
 tirem o veneno de perto de mim  
 mas sirvam uma última dose no copo  
 sobre o criado-mudo  
 pode ser útil  
 levem os melhores elogios  
 que uma mulher já ouviu  
 eram pra vocês mesmo  
 não menti quanto a isso  
 levem tudo o que puderem carregar  
 encham seus bolsos  
 com o meu coração  
 que seus príncipes ilusionistas  
 leiam poemas de amor para vocês  
 pois duvido  
 que saibam escrevê-los  
 e se a ferida se abrir novamente  
 uma armadilha se encontra na entrada  
 porque não sou Criolo  
 eu não aprendi a dizer não

# COMUNICADO

Curitiba, 2 de maio de 2014

Caros condôminos,

Enquanto síndica, tenho notado um clima hostil no Edifício Brighella, visto que me pus abismada diante do grande número de infrações recentes. O presente comunicado serve para reiterar algumas normas, restabelecer regras, relembrar penalizações e atribuir uma data para a próxima reunião extraordinária, que se faz obrigatória no momento em questão. Não esperava ter que tocar novamente em assuntos burocráticos após o ocorrido no mês passado, sobre o qual não preciso mais discorrer. Para tanto, serei bastante direta:

1. Enquanto voltava do trabalho ontem, encontrei dois moradores de apartamentos diferentes em frente ao elevador social. Não pude deixar de constatar como ambos cometiam infrações determinadas pelo Regulamento Interno do Edifício Brighella, dado que, ao debaterem sobre a cidade de Rio Branco, comentavam jocosamente que “O Acre não existe”. É de conhecimento geral que não permitimos a piada “O Acre não existe” desde 2007.

2. Já havíamos discutido tantas, tantas vezes no final do ano passado, e é verdadeiramente lamentável ter que registrar o quão graves são as infrações causadas por proferir as expressões “só que não” e “só que ao contrário”. Embora um uso público possa ser perdoado, a repetição acarreta em 50% do valor do condomínio no boleto seguinte, enquanto um terceiro uso dobra o pagamento. Aos que ainda sentem dificuldades em largar “só que não” e “só que ao contrário”, sugiro conversar com Seu Luiz, porteiro da noite. Ele possui alguns livros de iniciação ao sarcasmo para maiores de doze anos, tudo à sua disposição.

3. Não se imita o Silvio Santos. Não se imita o carro dos sonhos “que está passando”. Quantos Ricardo-aquele-expulso-do-301 devem ser despejados do condomínio para que todos aprendam com o erro alheio?

4. É preciso deixar claro: referir-se a algo ruim ou decepcionante como “paraguaio”, qual o exemplo “Esse perfume é importado... Importado do Paraguai!”, segue como infração média, enquanto qualquer piada de desfecho “Para quê? Paraguaio”, variante da original “Olá, sou paraguaio e vim aqui para te matar. Para quê? Paraguaio”, não só é permitida como estimulada para uma boa convivência. A decisão remete à ata estabelecida em 11 de Novembro de 2009.

5. Ao contrário do que se afirma em alguns boatos espalhados escadas afora, a sobremesa que atende pelo nome de pavê nunca foi banida do Edifício Brighella.

6. Um morador em especial tem se utilizado de hashtags irônicas em suas redes sociais. O Edifício Brighella não profibe e tampouco apóia essas atitudes. Pessoalmente - e aqui falo enquanto acionista moral do humor, não enquanto síndica -, considero irritantes.

7. Sob hipótese alguma, será permitida a entrada de qualquer indivíduo, morador ou não, trajando roupas ou acessórios de “memes”. Não interessa se a chave está em suas mãos; se você é filho do dono; se seu bebê está sozinho lá dentro. Sempre fomos claros quanto a isso.

8. Muito cuidado com a piada “minha religião não permite”. Recebemos todas as culturas, e muitas delas já evoluíram seu humor a ponto de compreender que tal comentário não desperta riso. Infração leve.

9. Recapitulando, porque nunca é demais: “pênis de japonês”, “loira burra”, “mulher + cartão de crédito”, “árabe + bomba” e “número 24” — pelo esfínter do diabo, nunca! Todas representam infrações graves desde a primeira constituição do Edifício Brighella, em 1992.

10. Para finalizar os apontamentos num tom de otimismo, reitero que completamos 835 dias livres do complemento “Cadê meu carro” em sucessão à palavra “Cara!!!”, bem como 731 ausentes da resposta “Tá nas Pernambucanas” para “Cadê meu celular?”, e 1008 dias sem ouvir “Vou de táxi”, da Angélica, como variante da resposta “Vou de táxi”.

Por fim, gostaria de estabelecer a data de 13 de junho, às 21h, como nossa próxima reunião extraordinária, cujas principais pautas serão, na seguinte ordem: 1. Dedetização e desinsetização, 2. Limpeza de caixa d’água, 3. Glu Glu Yeah Yeah: resgatar ou matar Sérgio Mallandro?, e 4. Porta dos Fundos daqui a dez anos. Antes disso, às 19h30, vale lembrar que receberemos novamente a “II Oficina do Tragicômico: Utilizando a pausa dramática em... informações banais”, ministrada pela Profa. Dra. Alessandra Laranzetta. Como vocês devem lembrar, seu primeiro minicurso oferecido aqui, “Removendo as risadas gravadas de comédias americanas dos anos 90”, foi um sucesso. Portanto, aguardo a presença de todos.

SAMARA PITONE  
Edifício Brighella

Marco Aurélio de Souza



Karen Matias

# COM VOCÊ EU SEMPRE TRAGO

Naquele dia em que eu a vi, magra, muito magra, com mil pés-de-galinhas que transformaram a topografia do seu rosto, eu me lembrei do quanto fora bizarro querer você: precipício – faltavam anos em minhas trouxas, faltavam anos que me dessem equilíbrio, e assim eu caí. Então eu vi nos buracos da sua face o buraco em que fui empurrado, e tudo começou a ficar claro, mesmo que eu continue sem entender.

Você envelheceu tão rápido, Gabriela! Mas por dentro da cabeça, cada vez mais adolescente, cada vez mais rebaixada pelo instinto de destruição que nos fazia querer conhecer a vida pelo avesso. Você me abraçou devagarinho, pra não machucar, e eu senti um espasmo do sentimento que eu tinha naqueles anos passados, mas ele não crescia, pois você apareceu com problemas imensos que eu não podia ajudar, nem resolver.

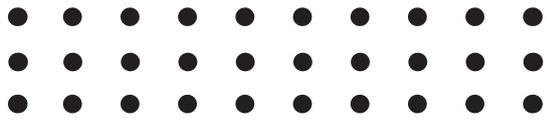
Você de pijama, com os olhos cansados e traçados por pequenos rabiscos vermelhos, jogando videogame naquele apartamento fedido, cheio de bitucas pelos cantos. Você perguntou se eu queria fumar, mas eu não fumo – e você deixou que todo o fogo do sol queimasse naquele cigarro e entrasse pela sua goela, te fazendo morrer.

Você estava envelhecida – não como aquela cachaça que eu planejava tomar com você. Você secou, e o riso já não é o mesmo, apesar de ainda me tocar e me dar vontade de chorar de joelhos admirando seus dentes grandes (agora amarelados) e implorando para que volte. Seu sabor foi sumindo lentamente, e eu nem sei como é que você sobrevive, se você trabalha, ou se você apenas joga e ri: doente, demente, viúva da vida.

Desmonto cada pedaço do seu lego e refaço como uma criança retardada. Monstro maldito, você tem buracos pela cara, tem os lábios caídos e as cores de um desenho infantil: cabelo vermelho, a face roxa, as mãos amarelas com dedos enormes e disformes. Os olhos verdes apagados pelas veias que vertem e jorram o seu sangue. Por isso é seca, pois em você não corre mais nada, só há fumaça, e risos, e uma vida privada de encanto.

A minha ordem necessita do seu desejo,  
e não adianta se enganar,  
dizer que o fogo é de palha,  
pois é o sol que queima no seu cigarro  
matando nós dois,  
pois com você eu sempre trago.

Andréia Carvalho  
Tradução: Samantha Beduschi



## ZODIACAL IS BABYLON

*daughter of the west  
with blue eyelids  
I have abandoned the rustling petticoats  
throughout the indigo desert*

*nagual, nagual*

*hands stigmatized  
by caterpillars of fire  
clean up the dust  
on the cosmic cabinet  
a genius with horns  
a winged satyr  
my bibelots of worn out  
porcelain*

*I open the music box  
in diminished fifth*

*where pandora has suffered  
I will chant the name always lit  
my atlantean ballet*

*being  
nebulous neophyte*

*amazon  
of an asterism  
with paws of light*

## ZODÍACA É A BABILÔNIA

filha do poente  
com pálpebras azuis  
abandonei as anáguas farfalhantes  
pelo deserto índigo

nagual, nagual

as mãos estigmadas  
por lagartas de fogo  
espanam a poeira  
na estante cósmica  
um gênio com cornos  
um sátiro alado  
meus bibelôs de gasta  
porcelana

abro a caixinha de música  
em quinta diminuta

onde pandora padeceu  
cantarei o nome sempre aceso  
meu balé atlante

sendo  
neófito nebulosa

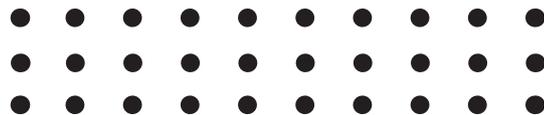
amazona  
de um asterismo  
com patas de luz



Victor Turezo

Notas de 8-5-14

vi humanos sendo vendidos  
em mercados e humanos  
os escolhendo em  
prateleiras de metal



\*

quando um sem classe lhe pede um pouco de ar, você abre completamente sua entrada de ar e inspira, inspira e inspira. custe o que custar. é necessário destruir àqueles que ameaçam o seu abarrotado e puro e denso ar. é necessário. replicam.

\*

reciclamos todo o tipo  
de merda  
dentro de nós

\*\*\*

Nota de 9-5-14

escuto um barulho estranho toda vez que alguém passa por mim. talvez seja o barulho de um coração esfacelado.

\*\*\*

Nota de 13-05-14

todo mundo já quis arrancar o pedaço de uma nuvem.

\*\*\*

Nota de 16-05-14

ar gélido permeia minhas juntas. existencialismo e absurdismo. o quê estaria pensando Camus neste momento? talvez se tivesse ido de trem teria nos salvado.

\*\*\*

Nota de 17-05-14

vi um mendigo encharcado de thinner. o líquido escorria pelos cabelos. perguntou-me se não tinha um remédio pra gripe ou algo para aliviar a sua constante dor de cabeça. disse que não e perguntei onde ele dormia. apontou para um vão embaixo de uma estação-tubo e disse: ali.

\*\*\*

Nota de 25-05-14

silêncio.

\*\*\*

Notas de 27-05-14

o cara da barraca de cachorro-quente na frente do empório são francisco pergunta a um amigo que lhe pediu cachorro-quente? de pts: mas pelo menos uma lasca de buceta você come, né?

no ônibus até parecemos um só. às vezes meios coletivos de transporte podem nos unir, mesmo que seja de maneira disforme.

\*\*\*

Nota de 28-05-14

somos eterna abstinência de tempo.

\*\*\*

Nota de 08-06-14

as putas, travestis e admiradores de putas e travestis não se escondem na riachuelo e na monsenhor celso. eles desfilam por lá como se nada os incomodasse. é absolutamente intrigante que certas partes da cidade tenham características peculiares. se você andar por essas bandas poderá notar cachoeiras de roupas de cama, sutiãs, calcinhas, meias, cuecas, sapatos, amarrados às varandas dos apartamentinhos: cubículos de ódio e amor.

\*\*\*

Nota de 21-06-14

tragos insuportáveis em noites de outono-quase-inverno.

\*\*\*

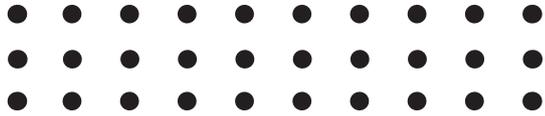
Nota de 24-06-14

quietude se espalha por todos os cantos.



Karen Matias

Valdinéli Martins



## PÉS NO LODO!



Karen Matias

Na prisão, quando o chamei, o carcereiro virou-me as costas. A janela media dois palmos de sol quadrado projetando minha sombra arqueada no chão.

\_\_Ei!

Foi um eco? Um ruído de fora, eu creio. Não foi. Foi um eco.

\_\_Preciso chamar um... \_\_hesitando\_\_  
...meu advogado. Está me ouvindo?

Minha voz foi ao fundo do corredor e retornou oca.

Após algum tempo, meu companheiro de cela, trêmulo de febre, sob um cobertor fino disse:

\_\_Advogado? Você confia nele?

\_\_Claro! Eu o pago.

\_\_Você confia em quem tem preço? \_\_simulando um riso baixo.

\_\_Em quem eu confiaria?

\_\_Desde que nascemos ninguém advoga por nós. \_\_ com a voz tensa de quem promete vingança \_\_ Quando me trouxerem um ser humano confiável eu vou matá-lo com crueldade. Nada pode haver nesse mundo que não tenha pés negros sob o lodo. Somos decaídos de lugar nenhum. Nunca estivemos senão aqui...

Olha em volta do mesmo modo que um alucinado e continua:

\_\_Cambaleando sobre esses pés... Pés no lodo! Pés no lodo!



Ricardo Pozzo



Karen Matias  
Técnica: Carvão

## A MORTE DO EU

1. o Real é o Todo que existe.
2. múltiplas são as Verdades, mas cada Verdade para ser, tem como ponto de origem o único Real.
3. igual ao Universo, o Real é Finito, mas Ilimitado.
4. a Realidade não é uma construção individual.

**Jucélia**  
(41) 3031-2357  
(41) 9663-7557

**AVON**  
the company for women

**FISK**  
CENTRO DE ENSINO  
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA  
R. JOÃO PESSOA, 33  
TELS: 3642-3690  
3031-7040  
CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR  
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR




---

Karen Matias

## #1

Desde ontem à tarde acho que hoje é sábado, escovo aquele velho casaco preto, não visto, olho com desdenho para o espelho: para que esses dois olhos guardando tanto silêncio? Ajeito com carinho egoísta o colarinho.

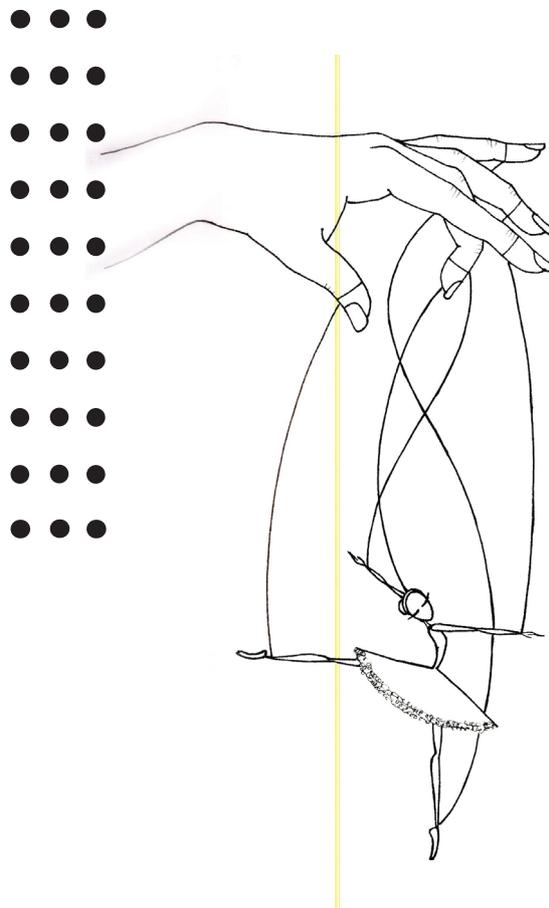
Quando criança achava que se fechasse os olhos de forma bem ensaiada, que se tivesse concentração e fechasse de um modo certo, poderia morrer.

Hoje durmo às seis da manhã, já sei que não é sábado e Vinicius não canta mais em meu pensamento, nada se alegra. Descanso dois livros sobre o peito, esperando um deles me dar a página certa e algumas palavras, antes de bem ensaiado eu fechar os olhos, porque hoje não é sábado.



Enaiê Azambuja

## VOYAGE




---

 Karen Matias

Meu nome é ninguém,  
 como a estátua flutuante  
 espalha crateras sobre o solo  
 que pisa redondamente:  
 um elefante de pó urra para sua incontrolável  
 humanidade.

O corpo do gigante é uma ponte  
 com a qual ele molda a costa:  
 pés fincados nas rochas,  
 pés como espadas não deceparam a água.

Ninguém pisará essa terra submersa.  
 Esconderam o avesso do avesso do rio  
 como se revirassem o Brasil  
 e encontrassem um Japão,  
 que é possível sorver por um canudinho de refrigerante.

Ninguém romperá o vaso que corre  
 do Atlântico ao Báltico:  
 uma espiral não se quebra com  
 a força das vagas uma  
 concha não se abre.

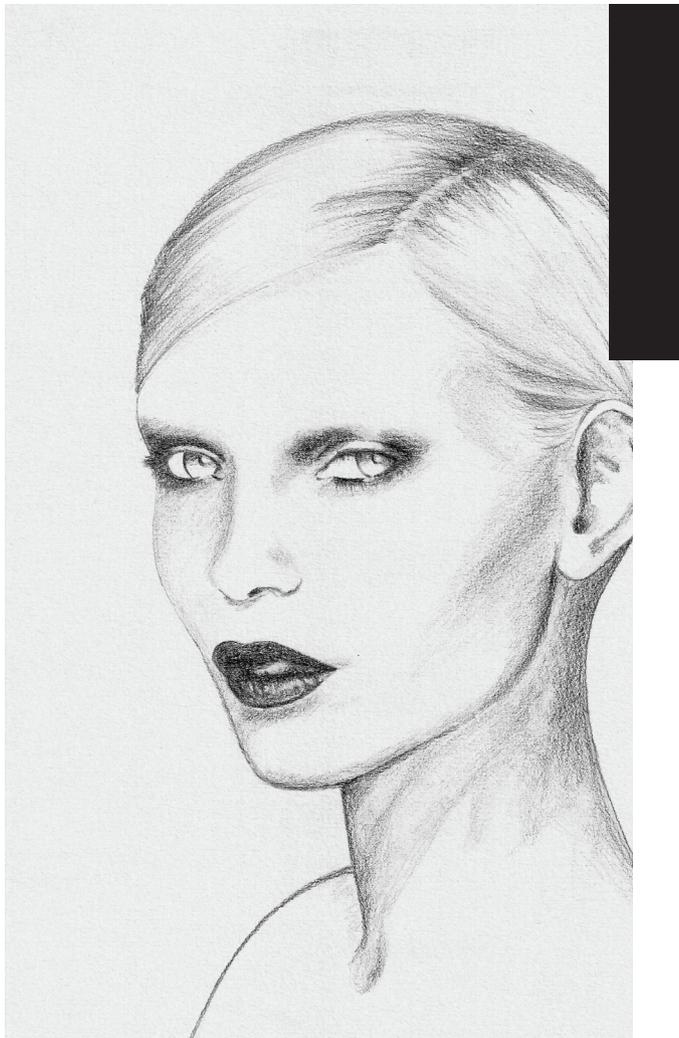
Ninguém permanecerá  
 deitado, aflito, a contar fusos  
 se a chuva indefinir o dia,  
 espalhar luz no céu como um borrão.

Mas  
 ninguém tirará do mundo  
 o mundo.  
 Acorrentadas de encosta a encosta  
 veias encerram veias  
 (o campo de trigo ou a  
 plantação de arroz  
 o que define um hemisfério?)  
 preciosas mutações na palma da mão.

E mais  
 ninguém ocultará aquilo  
 que irrompe  
 do Everest o desejo de aparecer  
 nas imagens por satélite.  
 No topo  
 a partícula de neve e tudo  
 o que suspende o grito e desaba  
 sobre as águas dos canais;

O pássaro bica em silêncio  
 o vidro da janela que  
 descerra.

Benjamin Ganubla




---

 Karen Matias

Quando o senhor B. abriu os olhos, pelo átimo de um instante, acreditou que ainda estava sonhando. O seu sono havia sido tranquilo e ele não se lembrava de qualquer interrupção ou interferência, portanto, parecia um tanto irreal acordar como e onde acordou. O senhor B. esfregou os olhos com tanta força que chegou a sentir um certo ardor, como se aquele gesto pudesse tirá-lo dali, mas, ao final, deu-se conta que aquilo tudo era real e que um sonho é o que não podia ser. Ainda assim, lhe era custoso acreditar.

O senhor B. demorou a perceber que o que estava vivendo era agora o que poderia ser chamado de realidade e que a compreensão não passava de um ponto de vista. Ele estava cercado, literalmente, por uma tela enredada por pequenos losangos metálicos de cinco por cinco centímetros. Ele olhou para todos os lados e atinou que muitas pessoas estavam à sua volta, observando o que fazia. O espaço que se encontrava não era grande, propriamente, mas também não era pequeno.

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico**  
**Preparatório - Graduação Pós-Graduação**  
**Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Quando finalmente tomou a iniciativa de se levantar, o senhor B. foi até a tela e começou a esmurrá-la, mas a dureza do material do qual era feita a tela era tamanha que logo sua mão começou a se avermelhar e doer. Ele segurou a tela com a mão direita em posição de garra: quatro os dedos no lado direito superior do losango e o polegar no inferior esquerdo. A outra mão ficou solta, molenga, dando ao senhor B. um quê de pena.

Era difícil entender o que acontecia ali. Certamente, aquilo não era um circo, não era um zoológico e, obviamente, não era uma pilhéria de seus amigos. O senhor B., desesperado pela situação, cogitou que pudesse ter viajado no tempo, indo parar em um momento do futuro em que o homem era uma atração ou algo congênere. A suposição se esvaiu em segundos; foi o tempo de perceber que todos os que o olhavam eram seus semelhantes e que nada possuíam de diferente. Ainda assim, se perguntava que lugar era aquele com paredes caiadas, piso de mármore fino e nenhuma janela. Olhou para o teto e viu que a sala tinha uma iluminação especial, refinada e que, ao refletir no chão, produzia um efeito interessante.

O senhor B. achou engraçado não se ter dado conta de que no lugar em que estava tinha água e comida, ambos em um local específico, em dos cantos do retângulo que era agora a sua casa. Como vim parar aqui, se perguntava, se eu apenas dormi e, ao acordar, me descobri preso em uma jaula. Uma música tocava ao fundo, era uma canção lenta, monótona e deixava tudo arrastado, aumentado a sensação de desespero do senhor B. – que pensou ter uma ideia brilhante: pedir a ajuda das pessoas que estava ali a observá-lo.

Gritou. Se sacudiu. Se jogou contra a tela. Pediu pela ajuda de quem estava por ali. Ninguém parecia entender o que era aquilo ou o que dizia aquele homem. A sensação de abandono se transformava em sentimento, o que o deixava ainda mais em pânico. O pior de tudo, pensava, é me sentir calado, mudo. O senhor B. começou a prestar atenção no que diziam as pessoas ao seu redor e percebeu que entendia o que elas falavam. Como não me ouvem?, dizia em voz baixa, sentado em um catre, o mesmo catre em que acordou e deparou com aquela bagunça em que se transformou a sua vida.

O senhor B. fixou o olhar em ponto manchado da parede caiada e se manteve alheio a tudo ali por um tempo. Durante esses momentos, ele não pensou nada, não disse nada, apenas respirava e só respirava porque aquele era um gesto involuntário. O instante em que voltou a si foi quando ouviu alguém falar em arte, referir-se ao que estava vendo como se fosse uma obra de arte. O senhor B. se encheu de fúria, se jogou contra a tela e gritou palavras que deixariam os mais liberais envergonhados. O homem que havia falado sobre arte – um homem de meia-idade, distinto e vestindo um terno que parecia ser caríssimo, afastou-se instintivamente e franziu a testa, fazendo com que uma de suas sobrancelhas arqueasse, demonstrando um misto de repúdio e cuidado.

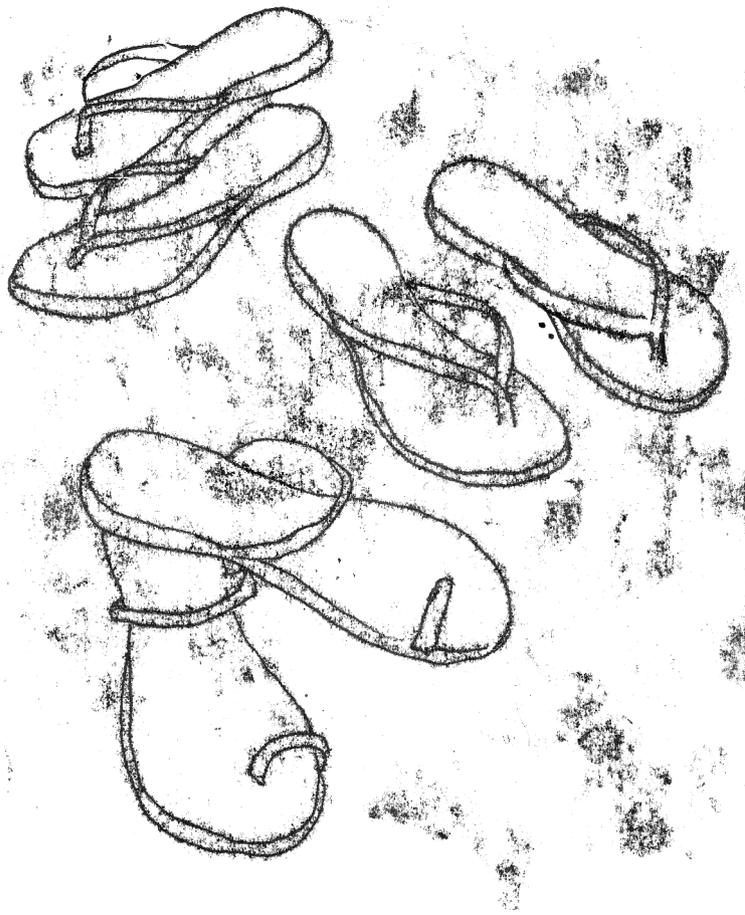
Depois dessa cena violenta, com o corpo doendo por conta do impacto contra a tela o senhor B. voltou ao seu catre e ficou a prestar ouvidos ao que as pessoas diziam e todas falavam sobre arte e diziam um nome estranho ao seu conhecimento, talvez por nunca ter se interessado por arte. Inacreditavelmente rápido, o senhor B. se deu conta de que estava em

uma galeria de arte e que seu cárcere, se é que aquela palavra poderia expressar e definir o que passava, era a obra de um artista.

Ninguém pode ser mantido assim, ao bel-prazer de um artista, disse em silêncio o senhor B., que se sentia vítima de um crime, um ultraje. Como ele, justamente ele que jamais se interessou por arte de nenhuma espécie, poderia ter sido alvo dos caprichos de um artista? Quanto mais pensava, mais percebia que nada tinha uma explicação racional e que estar ali deveria ser comunicado a alguma autoridade. No exato segundo em a palavra autoridade lhe assomou a mente, viu um segurança da galeria passar pela sala. Tentou gritar-lhe um pedido de socorro, mas as palavras ficaram presas, engasgadas e nada pode o senhor B. dizer.

O dia foi passando e a noite chegava devassa à galeria. O número de pessoas ia diminuindo até que ninguém mais apareceu. O senhor B. acreditava que a galeria havia fechado. A certeza só se deu quando as luzes principais foram apagadas e umas poucas chamas elétricas continuaram a iluminar parcamente a sala. Nesse instante, o senhor B. pensou que o melhor era ir dormir, porque logo um novo dia deveria começar e ele precisava estar bem disposto para receber os visitantes.

Camillo José



Karen Matias

- aqui - é sempre um lugar difícil.  
Charles Marlon

para Isadora Nicoladeli

esta ilha:  
um peito oco  
cheio de ecos

impassível  
ante nossos ais  
o horizonte  
nos desaparece

aturdida  
confias aos peixes  
pormenores  
de tuas renações

há outonos  
ornando lírios  
em nossos fios

damascos de jaspe  
ruborizando  
nossos mantos

mas ninguém ouvirá  
a desolação  
de nossos ossos

e é musgo  
o que nos cobre  
as têmeoras



Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -  
Araucária. Fone: (41)3642-1622

Edivaldo Ferreira dos Santos

Do fundo da alma vem isso.  
A vontade ininterrupta  
De não ser  
Ou de ser mais do que se pode  
E toda a espera de um dia azul, finalmente,  
Acontecer

Trouxa de viagem, caminho assim:  
Um, dois, um, dois.  
Perguntam-me por que fui,  
Respondo não sei se volto

Estranha a estrada escura  
De lama.  
De vontade.  
De remorso.

Caminho até o fim  
- ou é o fim que desiste de esperar e se adianta?  
Estou só.  
E só, sinto  
O poder da desesperança.



Melo



CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR

**ÍNDIOS**  
POR ANDRÉ CALIMAN

NO MEU TERCEIRO DIA EM CHAPECÓ, ESTOU DENTRO DE UMA VAN CHEIA DE ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, RUMO A UMA ALDEIA INDÍGENA!




TOMAMOS CHIMARRÃO SEM PARAR, COMO ACONTECE O TEMPO TODO POR AQUI. E VAMOS ANIMADOS POR UMA ESTRADINHA ESTREITA DE TERRA QUE NOS CONDUZ A UMA ALDEIA DA TRILHA KATANG CO-ROADOS-DO-SUL. A TURMA PRECISA FAZER UM TRABALHO PARA A FACULDADE QUE CONSISTE BASICAMENTE EM UMA ENTREVISTA COM OS ÍNDIOS. FICO SURPRESO AO PERCEBER QUE NÃO SOU O ÚNICO NA VAN AO IMAGINAR OS ÍNDIOS COMO SERES PRIMITIVOS DE 500 ANOS ATRÁS. É MUITO ENGRAÇADO IMAGINAR COMO SERÁ NOSSA RECEPÇÃO NA ALDEIA...

E O QUE A GENTE FALA QUANDO CHEGAR?

HAH!

HAHAHA

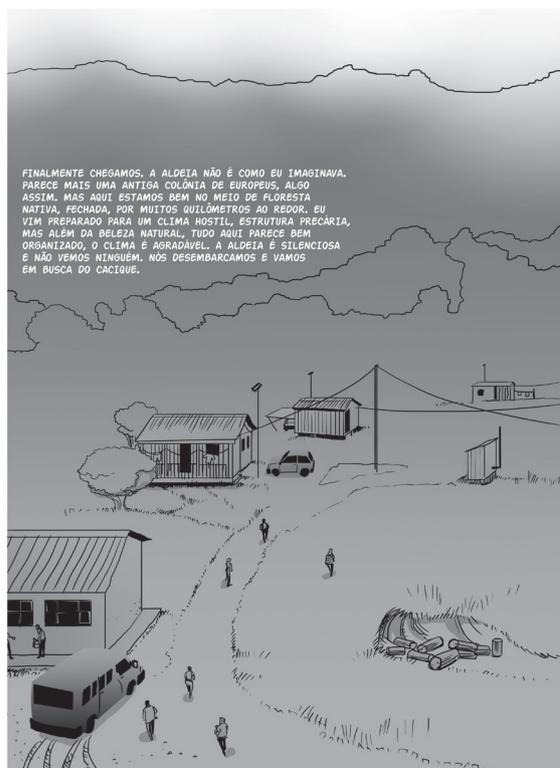
HAHAHA



1

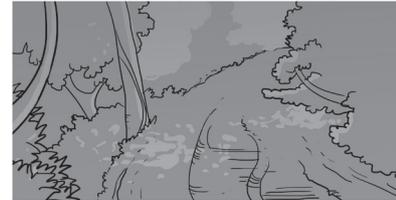
CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR

FINALMENTE CHEGAMOS. A ALDEIA NÃO É COMO EU IMAGINAVA. PARECE MAIS UMA ANTIGA COLÔNIA DE EUROPEUS, ALGO ASSIM. MAS AQUI ESTAMOS BEM NO MEIO DE FLORESTA NATIVA, FECHADA, POR MUITOS QUILOMETROS AO REDOR. EU VIM PREPARADO PARA UM CLIMA HOSTIL, ESTRUTURA PRECÁRIA, MAS ALÉM DA BELEZA NATURAL, TUDO AQUI PARECE BEM ORGANIZADO, O CLIMA É AGRADÁVEL. A ALDEIA É SILENCIOSA E NÃO VEMOS NINGUÉM. NÓS DESEMBARCAMOS E VAMOS EM BUSCA DO CACIQUE.



3

CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR



SEGUIMOS PELA ESTRADINHA CONSTANTE, FLORESTA ADENTRO. A REGIÃO SE CHAMA TOLDÓ-FINIAL. PASSAMOS POR SUBIDAS E DESCIDAS E CONFORME A PAISAGEM VAI SENDO DOMINADA PELA NATUREZA, VAI FICANDO MAIS DESLUMBRANTE. PERCO A NOÇÃO DE TEMPO E DISTÂNCIA. FICO IMAGINANDO QUE TIPO DE ÍNDIOS ENCONTREMOS POR AQUI.

POR ENTRE AS ÁRVORES, DE QUANDO EM QUANDO, POSSO VER AS IMENSAS MONTANHAS QUE NOS RODEIAM.



CARAMBA, NÃO CHEGA MAIS! ELES SE ENCONTRAM MESMO, NE?

OLHA, TÁ OUVINDO? TAMBORES DE GUERRA!

PARA A ZOEIRA...

TUM TUM TUM



QUANDO A GENTE CHEGAR LÁ, DEIXAMOS TUDO NA ENTRADA DA ALDEIA, MENOS ÓCULOS E CADERNO.

O QUÊ?!



2

CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR

A MULHER DO CACIQUE NOS DIZ QUE ELE ACABOU DE CHEGAR DE CURITIBA, MAS QUE LOGO NOS ATENDERÁ.



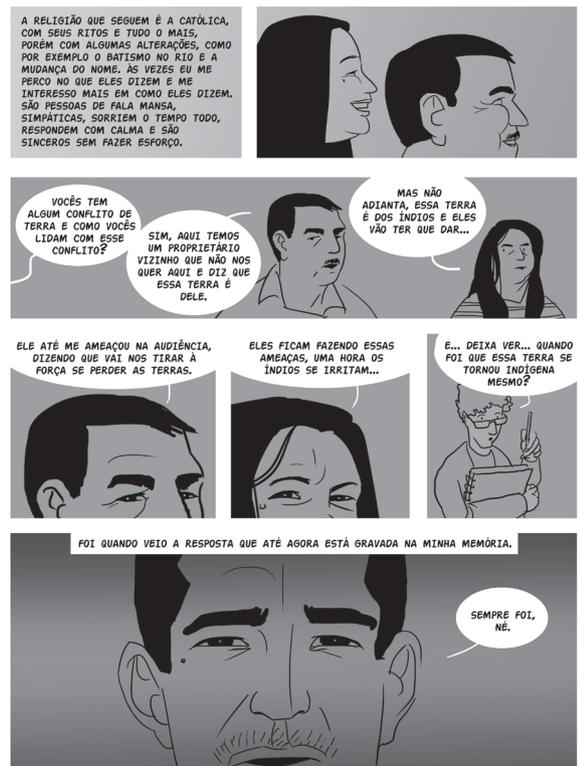
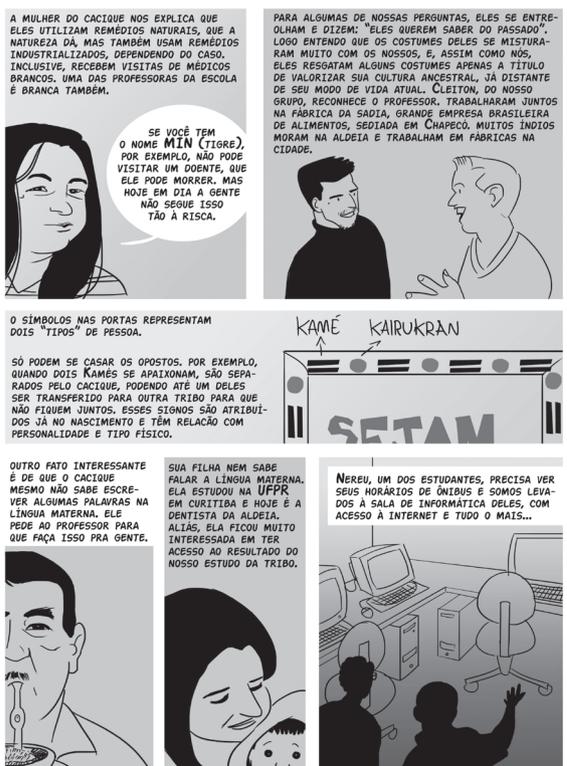
TIRAMOS MUITAS FOTOS E EXPLORAMOS O LOCAL ENQUANTO ESPERAMOS. AQUI A SENSÇÃO É DE MUITA PAZ, PODEMOS OUVIR APENAS O BARULHO DO RIO, QUE DEVE SER PERTO, E O GRITO DE CRIANÇAS. UM TIPO DE GRITO DE BRINCADEIRA, ALGO COMO "GRITAR POR GRITAR". É PORQUE NÃO POSSO IMAGINAR O TIPO DE VIDA TRANQUILA QUE SE LEVA POR AQUI. VEJO AS CASAS SIMPLES, A ESCOLA E O PEQUENO HOSPITAL, TUDO EM ALVENARIA. HÁ APENAS UMA CASA DO TIPO ANTIGO, RÚSTICO, QUE OS PRÓPRIOS ÍNDIOS CONSTRUÍRAM PARA MOSTRAR COMO ERA ANTIGAMENTE, RESGATANDO SUA TRADIÇÃO, TANTO PARA OS MAIS NOVOS, QUANTO PARA OS VISITANTES.



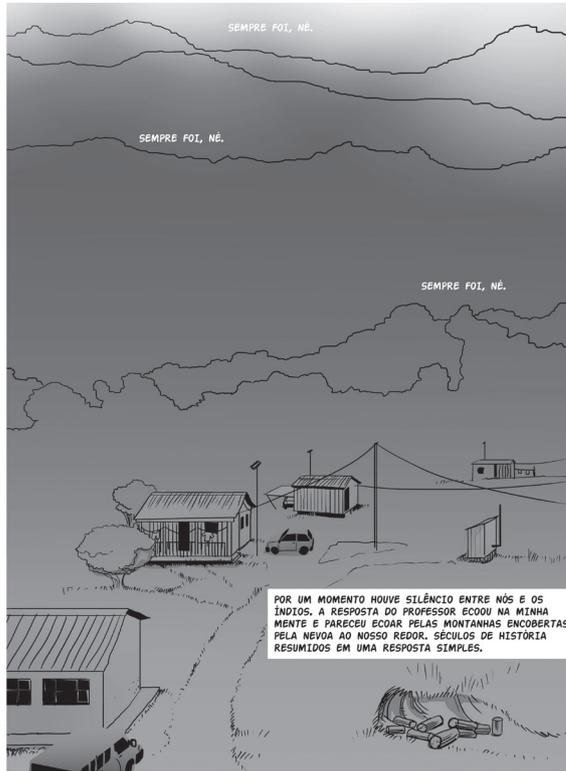
POUCO TEMPO DEPOIS, O CACIQUE VEM EM NOSSA DIREÇÃO. FICO ANSIOSO, NUNCA CONHECI UM CACIQUE ANTES.



4



CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR



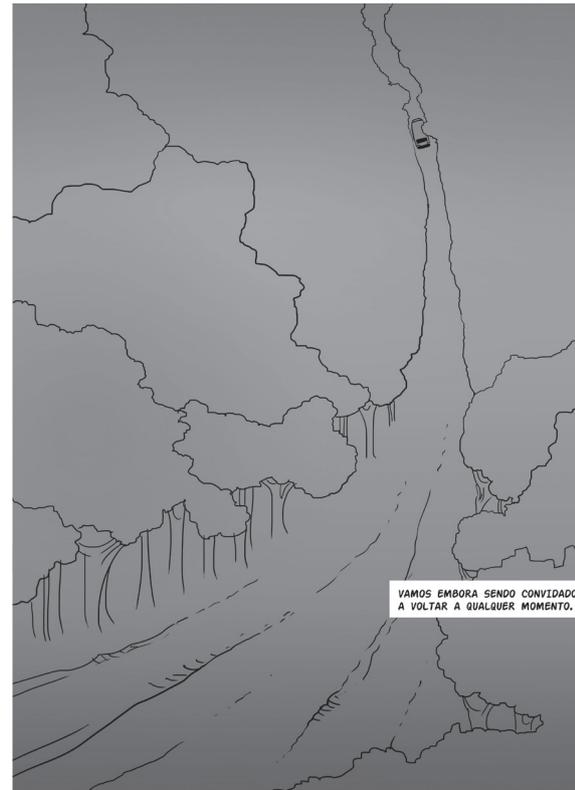
CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR



CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR



CALIMANVIAJANDO.BLOGSPOT.COM.BR





• • • • • • • •

# O PÁSSARO AZUL

## DO REI DA CIDADE DE PEDRA

Certo dia, o céu de Anfíbia acordou escuro e o velho de barbas brancas saiu gritando às ruas que aquele mundo tinha chegado ao fim. No palácio, as cortinas de fina seda chinesa não balançavam ao vento porque o vento tinha se fechado em casa, triste. Os pavões do jardim pareciam chorar e nada os consolava. Nem mesmo as pedras preciosas dos muros do palácio guardavam a cor original, pois as lembranças de seus respectivos países de origem havia sumido bem lá no fundo de cada uma. Assim, os desenhos de tigres e de dançarinas das paredes reais perderam o fulgor, e em vez da dança ou da caça tinha-se a impressão de que representavam um cortejo fúnebre. Os cavalos imperiais, trazidos de navio pelo grande mar, se recusaram a comer e mantinham baixas as cabeças, em sinal de reverência. Seu domador não conseguiu tirá-los do torpor nem com torrões de açúcar nem com folhas fresquinhas de alface. O grande imperador tinha ido viver em outro lugar, no campo dos grandes homens, onde estão os heróis gregos e os cavaleiros medievais, os guerreiros zulus e os grandes mestres samurais.

...

Lilo tomou Ana pela mão e disse para ela parar de ser burra! Era engraçada essa expressão “parar de ser burra”. Como podia parar de ser um animal se primeiro não era animal, o que então tornava mais absurdo ainda o irmão insistir para ela parar de ser burra. E depois, se fosse um animal, como deixaria de ser esse mesmo animal, uma burra, a mulher do burro? Depois ainda, o nome certo era “burra” mesmo? Quando ele estava muito bravo, mas muito bravo mesmo, dizia para ela que ela era uma “burra empacada”. Ela não sabia o que era “empacada” e ficava olhando para ele com “cara de tacho”, expressão que o primeiro-pai já tinha ensinado o que era e assim ficava mais fácil, até porque ela sabia o quanto o irmão odiava a cara de tacho, talvez mais do que a situação de uma burra empacada. Tinha vergonha de perguntar e o novo-pai não era chegado a muitas explicações. Talvez perguntasse para a tia-da-escola, se bem que ela também não parecia gostar de explicar coisas. Certo dia a menina-loira-de-trançada-dente-quebrado perguntara por que o pipi dos homens é para fora e não para dentro e a tia-da-escola chamou a tia-da-sala-debaixoda-escada, que veio com os óculos grandes conversar com a menina-loira-de-trançada-dente-quebrado longamente. Então, Lilo tomou Ana pela mão, abriu o lap-top, espetou um cabo na tela grande da mesa do primeiro-pai e mostrou o mapa da terra. Como era bom ouvir essa expressão: MAPA DA TERRA. Ela não conseguia falar isso nas aulas de inglês, porque em inglês tudo parecia um suspiro ou um assovio – Earth – e MAPA DA TERRA parecia ser o mapa mesmo, ele mesmo aberto e grande, azul e marrom, mas não só de terra porque tanta água havia, mas um mapa enorme, com os duzentos países que o irmão disse que existiam. Ele apontou com o dedo a Arábia e disse que Sherazade não tinha vivido “aqui”. Sherazade tinha vivido “aqui”, e mostrou a Índia. “Aqui, bem ao norte!”. Ela não sabia a diferença, ainda, de norte e de sul, embora houvesse uma bússola no escritório, que o primeiro-pai deixara. “Quando se fala em ‘Mil e uma noites’, na verdade se fala desse lugar aqui, ó, sua burrinha linda, e não daqui, ó, desse lugar aqui. É só uma confusão feita ao longo dos anos.” “Tá”, Ana respondia, quando queria paralisar uma discussão, torcendo a boca de lado. “Tá” e, já que mesmo perdendo tinha orgulho, voltava ao universo de Anfíbia.

“E não se pode colocar na mesma história o cavaleiro medieval e o guerreiro zulu, já expliquei.” Mas Lilo era bom porque deixava que ela brincasse com seus homenzinhos guerreiros e ainda emprestava para ela o castelo, os tanques de guerra (que ela não usava muito, a não ser como carruagens) e os cavalinhos. Quando Lilo não estava por perto, era bom juntar os guerreiros zulus com a princesa do reino das águas, Anfíbia. Tudo dava muito certo.

...

A imperatriz Ko-Ih-Noor seguiu a voz dos conselheiros reais e apareceu na sacada de uma das torres do palácio e soltou um lenço muito fino, azul. Se alguém o visse, teria pensado num pássaro, porque ele foi voando em direção ao oeste, como batesse asas. O pássaro-lenço muito raro voou depressa, e esse gesto da bela moça fez o vento voltar. Era uma tradição. As pessoas nas ruas continuaram a marcha diária, a carroça voltou a mexer, os cavalos imperiais voltaram a comer e água começou a borbulhar no fundo do poço, fresca e boa. Desde a época de Dinarzade, a irmã de Sherazade, isso acontecia. Ko-Ih-Noor era neta da neta da neta da neta de Dinarzade. Se um imperador morresse, a imperatriz viúva deveria escolher um novo marido, para que os filhos não ficassem sem pai e para que o reino tivesse um protetor. Não que a imperatriz sozinha não desse conta ela mesma, mas em dois seria mais fácil. E se tratava de uma tradição, ponto.

...

O irmão disse que naquele reino de Anfíbia não podia haver uma imperatriz e sim uma sultana, talvez. Desistiu de explicar a diferença de “imperatriz” para “rainha” e ainda de “rainha” para “sultana”, até porque também não sabia isso muito bem. Procuraram na internet e decidiram que iam esperar que o colégio desse conta disso nas aulas de História. Já andavam aprendendo a importância da espera.

O primeiro-pai contava-lhe histórias, tomando Ana pela mão e levando-a à cama em forma de barco. Ela lembrava dos pelinhos clarinhos da mão dele, uma mão de gigante, mas doce, com as unhas sempre cortadas. A história de que ela mais gostava era da rainha do Da-ho-mé, cuja cabeça ganhara uma cópia em bronze. Ela tinha sido uma das mulheres mais lindas de toda a história: mais linda que

a rainha de Sabá, mais linda que Cleópatra, mais linda que Rita Rayworth, mas essa mulher ele pedia que não fosse mencionada para não criar nenhuma crise familiar. O pai lhe contava histórias da Bíblia, de Sherahazade, cujo nome ele declinava com sotaque árabe, de mitos gregos e ainda histórias de onças tão grandes que as trenas da casa uma vez abertas seriam curtas demais para mostrar, do pássaro azul que plantava araucárias como semeasse monstros bons, de braços sempre abertos para receber as pessoas, do deus Tupã que fez Vila Velha e que era tão alto que usava a taça de pedra para beber água.

...

A imperatriz-sultana-rainha, então, decidiu que teria um novo companheiro, mas desde que este trouxesse o mais lindo presente, que contasse a mais bela história e que ouvisse o chamado de um tambor. Ocorre que ninguém no mundo podia ouvir esse chamado, pois ela mandou construir um tambor de seda, cujo som era algo tão baixinho, tão calado, como fosse o grito de um inseto invisível – ou de uma alma, mas isso só serve aqui de comparação – que ninguém poderia escutar. Na verdade, a rainha-sultana-imperatriz amava tanto o marido, que tinha ido morar na terra dos grandes guerreiros, que não conseguia se ver casada com outro homem. Mesmo assim, começou a receber pretendentes de todo o mundo conhecido e de outros lugares não conhecidos. A notícia se espalhou como um eco num cânion, tal era a beleza, a delicadeza e a bondade de Ko-Ih-Noor. Assim, nos meses seguintes, a cidade de Anfíbia foi o destino de muitos mensageiros que iam pedir permissão para armarem as tendas de príncipes, monarcas, imperadores, e outros nomes que Ana ainda não aprendera, como é o caso de “xá”, nos arredores da cidade. A rainha recebia a todos, não sem certa curiosidade, mas mais por bondade e pela tradição de Anfíbia: a de sempre receber bem as pessoas. Da janela de seu quarto feito com mosaicos em azul, ela via os grandes tecidos esticados das tendas, alguns dourados, outros negros, outros coloridos, e fumaça de banquetes e poeira levantada por animais, e homenzinhos correndo daqui para ali e isso tudo era bonito de ver.

(continua...)




---

 Karen Matias


## SURDO

Entre pessoas e pessoas altas ou baixas, nas ruas, nos becos, nas construções, nas desconstruções, nas esquinas da direita, nas esquinas da esquerda, nos edifícios mais altos, nos edifícios de dois, três, quatro andares, em cada ponto da cidade, elas vivem suas vidas com milagres ou sem milagres, umas com o pão e outras com o vinho.

Quem ? no meio de pessoas e pessoas na rua, um pouco depois do entardecer, poderia apresentar ser alguém, que poderia receber algo que nunca teve e por um momento ser feliz com uma novidade simples, que muitos têm e não dá a devida importância no valor, ou talvez a felicidade de muitos, para um, poderia ser uma agonia.

Otílio era uma pessoa calma, de traços suaves, cabelos negros, pele clara sem muita expressão e olhos escuros, caminhava devagar até sua casa, já era noite, trabalhou o dia todo, porém o seu animo era ameno.

Caminhava, caminhava sem pensar, as pessoas passavam por seu lado, isso não incomodava Otílio, já acostumado a passar por esse caminho sem olhar para os lados, nada representava novidade.

Otílio chegou em casa, tirou o casaco colocando-o em cima do sofá, olhou à sua volta, como sempre, estava sozinho, mas isso não o deixava triste, ao contrário, tudo estava do mesmo jeito que tinha deixado quando saiu o mesmo cheiro e até o mesmo sabor. Otílio estava feliz, sentia que a parede de sua casa o abraçava, de forma suave e ao mesmo tempo intensa.

Para comemorar toda essa harmonia Otílio abriu uma garrafa de vinho, pegou uma taça, ligou a TV e começou a beber saboreando o seu descanso da noite pós-responsabilidades diárias. Já cansado, desligou sua televisão, sentou-se à mesa da cozinha para terminar de beber seu último copo de vinho, com os dedos na parte mais fina da taça, rodando-a para passar o tempo, Otílio, Otílio escutou pela primeira vez um ruído.

O som saía da taça, admirado, tentou de diversas formas entender o que acontecia, sem explicação, quanto mais rodava a taça esfregando a sua parte de formato redondo na mesa, mais barulho saía dali, pegou a garrafa de vinho colocou um pouco mais na taça, e aquele barulho grande, emocionante se fazia som. Embriagado não com a taça e nem com o vinho, mas sim com o barulho que o vinho ao escorregar pela garrafa fazia ao chegar ao vinho que estava dentro da taça, transbordando a taça, caindo o líquido vermelho bordô sobre a mesa, aquilo se transformou em sinfonia e o vinho que antes não tinha cor se transformava em uma cor extremamente brilhante. Otílio teve certeza que poderia passar a vida inteira sem sair dali, sem precisar beber o vinho e sim, apenas olhar a sua cor e o som que fazia. Esfregando os olhos deu por si algo que não era comum, acusando o álcool. Otílio foi dormir, pois amanhã precisava chegar no horário ao trabalho.

O passarinho cantava, cantava na manhã, nesta manhã que Otílio dormiu para acordar, ele ainda achava que escutava por causa do sono, algo acontecia e Otílio não sabia o que era, levantou rapidamente, lavou o seu rosto e caminhou para perto do pássaro. O pássaro fazia o som, e o som ficava mais alto conforme Otílio chegasse perto, o bico do pássaro estava colorido, com a mesma intensidade de cor do vinho da noite passada.

Otílio começou a brincar com os sons, primeiro começou a escutar seus passos, o som dos passos que sempre andaram com ele; abriu a torneira; bateu com suas mãos nas paredes; escutou a gota que caía do chuveiro, por não ter fechado direito; pegou o aparelho telefônico para ouvir o som da linha esperando um número ser digitado para chamar e ouvir alguém que está longe; abriu a geladeira, fechou; ligou

e desligou a luz; ligou o som e colocou um Mozart, tudo que começava a ganhar som mudava repentinamente para cor, os objetos que transmitia o som ficavam coloridos.

Otílio estava extremamente envolvido no que acabou de lhe acontecer, se fosse possível comeria tudo aquilo que estava ouvindo, pois lhe parecia saboroso. Queria desbravar. Quais sons mais eu posso escutar? quantos sons estão me esperando lá fora, no mundo ?.

Abriu a porta de seu apartamento. Um corredor grande separava as portas da direita das portas da esquerda. Uma criança jogava uma bola no chão, cada passo da criança parecia que balançava o prédio inteiro, cada contato da bola no chão era como se fosse um tiro. Otílio queria sair dali, andou pelo corredor querendo não prestar atenção mesmo sendo impossível. Na porta ao lado podia se ouvir o aspirador, provavelmente a empregada estava tirando o pó da casa, na porta mais a frente um bebê chorava, incessantemente, e esse incessantemente começou a perturbar o ouvido de Otílio. Todos os barulhos começavam a ganhar cor, cores tão intensas que a perturbação do ouvido escorregou para os olhos. Otílio desceu as escadas, o barulho de seus passos estava dando a sensação de perseguição, correndo com intenção de sair daquele corredor para voltar a seu equilíbrio, encontrou um cachorro enlouquecido na porta de saída, que latia e rosnava na sua direção, cada latido entrava em seus ouvidos como estiletos afiados, todo aquele movimento que o cão fazia se resumia a um barulho incessante. Correndo para o lado de fora do edifício já com vestígios de desespero, deu de cara com a reforma que estavam fazendo no estacionamento do prédio há uma semana, homens falando alto chamando o outro, barulho de ferramentas. Otílio, saia, Otílio, saia da aii. Correu para esquerda, por onde passou novamente pelo cachorro e pela senhora que carregava a corrente agora gritando para o cachorro ficar quieto, a sua direita tinha crianças felizes dando gargalhadas no balanço. O barulho do balanço, as gargalhadas, os homens e suas ferramentas, o cachorro latindo e sua dona gritando, a criança chorando, a bola do menino, os passos do menino, tudo isso estava incubado no ouvido de Otílio, seguindo-o por entre as escadas, correndo, correndo, rapi-

damente para dentro de seu apartamento, gritando “cala a boca, cala a boca” ele podia ouvir o som agonizante de palavras mal formadas que saía de sua boca, dando a sensação de impossibilidade de expressão.

Otílio, não conseguia tirar essas cores de seus olhos, tudo, tudo fazia som e estava muito, muito colorido. Coçando o ouvido como um cachorro com as mãos, no ato de desespero começou a quebrar tudo que encontrava pela frente, fazendo mais barulhos e deixando-o cada vez mais nervoso. As pessoas do apartamento ao lado começaram a ouvir o barulho que Otílio estava causando destruindo o seu apartamento e se aglomeraram na porta para ver o que estava acontecendo, com o moço que sempre foi tranquilo.

Otílio, desesperados e destruidor, com todos aqueles barulhos impregnados em seus ouvidos e aquelas cores impregnadas em seus olhos, pegou a garrafa de vinho, e como culpada por aquele “desmilagre” jogou-a contra a janela de vidro.

O vidro se espatifou no ar fazendo som ao ser quebrado e ao cair no chão, subitamente junto com esse barulho que chegou até atordoar, abriu e chegou até Otílio o som que muito sonhava. O som do mundo. Um imenso barulho da cidade, com buzinas, som de carros, passos de pessoas, conversas, fofocas, mentiras, assaltos dos becos que Otílio nunca ouviu, histórias tristes, corruptas, pessoas que morrem, gritos, sussurros inocentes ou pecaminosos, promessas, dor, desespero, o barulho do mundo.

O barulho do mundo foi o suficiente para que Otílio chegasse ao ápice da sua loucura, não aguentando mais, sem pensar nem por um instante, pois o instante já não existia para Otílio, pegou um dos cacos de vidro pontudo da janela que lhe mostrou o barulho do mundo e enfiou por entre os canais dos ouvidos, ultrapassando os tímpanos. O sangue jorrava, as pessoas que já estavam dentro do apartamento caladas e espantadas. Otílio caiu no chão com uma expressão plácida.

...pimba na  
gorduchinha!

defenestrando  
.com

música legal e outras aventuras

Saulo Adami



Karen Matias

## PASSIONAL

*Curitiba, abril de 1987.*

Fora um dia estressante na vida de Hermano. Pela primeira vez naquela semana, não lamentou o fato de passar mais uma noite sozinho no apartamento recém-ocupado. Para esquecer um pouco da solidão e para provocar o sono – sempre uma dificuldade para ele –, apanhou na locadora de vídeo mais próxima uma meia-dúzia de filmes para assistir no decorrer da semana, privilégio concedido a poucos frequentadores da loja do amigo Joca, tão louco por cinema quanto ele.

Passava da meia-noite quando o telefone tocou. Hermano já estava enfiado no pijama, esparramado no sofá preferido diante da televisão, com uma baciada de pipoca salgada ainda quente. No videocassete, começava a rodar a fita de um de seus filmes favoritos. O telefone tocou de novo, e de novo, até que ele pausasse a fita e sua mão alcançasse o telefone sem fio:

– Alô?

Do outro lado da linha, ouviu a respiração pesada e a voz cansada de um amigo angustiado:

– Eu dei dois tiros nela!

Hermano ficou atônito com a notícia:

– Você fez... o quê?!

Vidal recuperou o fôlego:

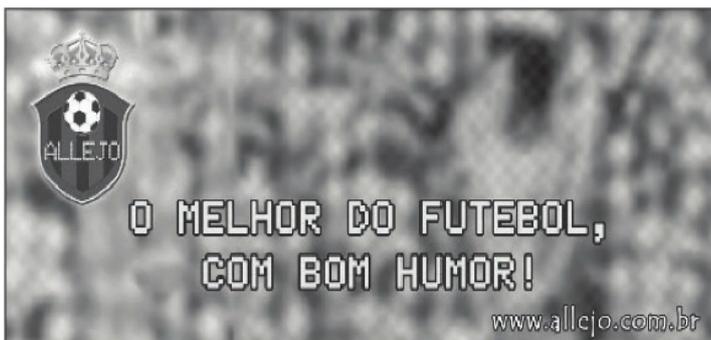
– Eu dei dois tiros nela, coloquei o corpo no porta-malas do carro do namorado dela!

– O que deu em você, Vidal?! Enlouqueceu, só pode ser!

A voz de Vidal ficou trêmula, Hermano percebeu que ele estava chorando:

– Cara, me deu um desespero, eu fiz o que achei que devia fazer, e agora...

– E agora?! Agora, você está ferrado, Vidal, ferrado de primeiro a quinto, meu camarada!



*Toda Letra*  
CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Revisão de TCC's,  
Monografias,  
Dissertações  
e Teses

 [www.todalettra.com.br](http://www.todalettra.com.br)  
 @todalettra\_  
 [facebook.com.br/todalettra](https://facebook.com.br/todalettra)  
 [contato@todalettra.com.br](mailto:contato@todalettra.com.br)

Silêncio. Hermano ouvia Vidal chorando, aos soluços.  
 – Hermano, Hermano... Eu não devia ter feito isso!  
 – E por que fez, então?  
 – Hermano, ~~eu~~ não tive escolha...  
 – Que loucura, Vidal, que loucura, meu camarada!  
 – Meu tempo acabou, Hermano, acabou tudo, cara!  
 Silêncio dos dois lados da linha.  
 – Escuta, Vidal... Puta merda, você me contando uma história dessas, desesperado, e eu aqui julgando o que você fez, se é que você fez, eu não sei...  
 – Tudo bem, Hermano, eu sei como é...  
 – E o que eu posso fazer para te ajudar? Tem alguma coisa que eu possa fazer?  
 – Eu não sei... Na verdade, você já está fazendo, eu precisava conversar com um amigo, contar isso para alguém, então escolhi você.  
 Silêncio dos dois lados da linha.  
 – Fiz errado em ligar? Nem olhei o relógio, na verdade não sei que horas são...  
 – Já é sexta-feira.  
 – Pô, Hermano, me perdoa, eu não me dei conta de que era tão tarde...  
 – Cedo!  
 – O quê?  
 – Cedo! Já é madrugada!  
 – Só você para me fazer sorrir, numa hora dessas... Cara, o meu tempo acabou! Pelo amor de Deus, me diz alguma coisa, me dá uma luz!  
 Silêncio dos dois lados da linha.  
 – Alô, Hermano?  
 – Oi, eu preciso pensar numa saída!  
 – Certo! Eu espero.  
 – Eu preciso pensar...  
 – Cara, se você estivesse aqui, naquela hora, eu não teria feito isso!  
 – Claro que não! Eu jamais permitiria que você fizesse uma barbaridade dessas!  
 – Pois é, agora eu já fiz! Não tenho como voltar atrás!  
 – Vidal, você não deveria ter feito isso!  
 – Mas, eu não tinha mais tempo, a minha cabeça estava confusa, eu tinha bebida quase um litro de uísque, fumado um maço de cigarros... Cara, se eu não fizesse o que fiz, eu iria enlouquecer! E só em pensar que a qualquer momento a polícia pode chegar, derrubando a porta, eu fico ainda mais desesperado!  
 Silêncio dos dois lados da linha.  
 – Vidal, você é um camarada inteligente, meu amigo! Use a cabeça, pense, pense! Aproveite que é madrugada, a hora em que todos os gatos são pardos, dá um sumiço no carro e no corpo daquela mulher!

– Sumiço?  
 – É, dá um sumiço no corpo, nunca viu isso nos filmes?!  
 Algumas imagens passaram pela cabeça de Vidal, como se fossem parte de um filme:  
 – É, pode ser uma saída...  
 – Pega o carro com o corpo, leva por uma estrada de terra, lá do interior... E atira o carro com corpo e tudo no rio!  
 – No rio?!  
 – Tudo no fundo do rio!  
 Silêncio, enquanto Vidal ouve o riso de Hermano do outro lado da linha.  
 – É, parece ser uma boa ideia!  
 – Só tem um detalhe!  
 – Qual?  
 – Abre o olho, Vidal! Não dê oportunidades para que apareçam testemunhas, não vai posar de amor, justamente agora!  
 – Deus me livre!  
 – Certifique-se de que a rua esteja vazia, não deixe rastro, tem que ser um crime perfeito!  
 – Pode deixar, eu vou caprichar!  
 – Tem guarda noturno?  
 – O quê?  
 – Na rua! Tem guarda noturno fazendo a ronda?  
 – Não, não tem.  
 – Tem certeza?  
 – Claro que tenho certeza! Se tivesse, ele já teria batido na porta! Foram dois tiros a queima-roupa, calibre 38, ta pensando o quê?!  
 – E ela, como ela ficou?  
 – Ela, quem?  
 – A mulher que morreu, como ela ficou?!  
 – Bom, ela morreu, ponto final!  
 – Vidal, meu amigo...  
 – O quê...?  
 – Você quer que eu dê uma passadinha aí, agora?  
 – Agora?  
 – É!  
 – Não... É melhor não.  
 – Tudo bem, então. Você vai ficar bem?  
 – Vou.  
 – Quer saber?  
 O silêncio dos dois lados da linha foi quebrado por gostosas gargalhadas de Vidal e Hermano que, ao conseguir conter o riso, recomendou ao amigo:  
 – Capricha no ponto final, este seu livro vai ser um best-seller!



literatura  
 cultura  
 café  
 música  
 humanidades  
 artes visuais  
 infanto-juvenil  
 histórias em quadrinhos  
 cursos  
 pessoas

 Poetria Livros e Arte

www.poetria.com.br  
 poetria@poetria.com.br  
 41 3048 3036

Av. Vicente Machado, 865  
 Loja 3 Batel Curitiba-PR



# RIOS QUE COMANDAM A VIDA

Luiz Taques, depois de dois livros de contos, publica agora o romance “Pedro”, pela editora Kan, do poeta Marcos Losnak, que também edita a revista Coyote, em Londrina. A estória é ambientada numa fictícia cidade interiorana do Mato Grosso do Sul, de sugestivo nome: Buraco Quente, dada a fantasiosa mente do narrador, que vê fornicção em tudo e todos os habitantes da cidade, a começar de si e seus familiares até o padre, não escapando ninguém de seu julgamento moral. Essa cidadezinha tem muito da Corumbá em que nasceu o autor, jornalista e escritor, que vive em Londrina. Buraco Quente é descrita na intensidade do calor que lá faz e no rio que define sua existência como meio de circulação ou de alimentação e lazer. “Pedro”, que dá título ao romance, é o segundo personagem na hierarquia desse livro. Ele é, para o narrador, como um totem, ou seja, como um símbolo que está acima de tudo e se constitui como base dessa fala que se derrama como o rio que marca a existência de Buraco Quente, tal como o rio Paraguai que passa por Corumbá. A vida dessa cidade vai se transparecendo em meio ao relato ora confuso, ora rebuscado do irmão desse Pedro, denotando um perturbado mental que sente a ausência do irmão que partiu para uma cidade grande e se remoi por ter que conviver com duas irmãs complicadas, a mãe envelhecida e a memória do pai que morreu, no que ele chama de família desajustada. No que diz, ficam as sugestões de que algo errado aconteceu em suas vidas, algo que vai sendo pinçado no meio das palavras, porém isso nunca se expõe totalmente, transparecendo que a conversa que nos oferece é obscura como o rio, oculta algo, um trauma que não se pesca totalmente. O irmão perdido na distância, cerne des-

se trauma, se combina com os peixes desaparecidos do rio pela poluição e pesca predatória, assim como os animais silvestres, todos fantasias que povoam a mente desse personagem aprisionado nesse lugar do qual se sai somente com um ônibus lerdo “que passa por cima de urubu atraído pela carniça de onça-pintada, ônibus que parte cobra-coral ao meio, ônibus que desfigura tamanduá-bandeira”. Sair da beira desse rio, no entanto, não passa pela cabeça do personagem que o descreve. O rio, porém, se move, vai descendo para o Sul até entrar no Paraguai e se encontrar com o rio Paraná já banhado pelas águas do Iguaçu, tema de outro livro, que, ainda que nada tenham de relação um com o outro, aqui, no banhado deste texto, se encontram. Trata-se de “A Lenda de Bédalo – O protetor do Rio Iguaçu” (JM Editora, de Curitiba), um poema em cantos escrito por Decio Romano, que resgata a lenda de Naipi e Tarobá, casal de índios que, apaixonados, fogem numa noite de lua cheia, mas, perseguidos, são engolidos pelo rio e sofrem um castigo: ela se torna uma pedra em meio às cataratas e ele um arbusto à beira das águas e ambos ficam cantando um para o outro sem que se alcancem. Se na “Lenda de Bédalo” os personagens são regidos pelo amor idealizado, a natureza é bela, descrita de forma romantizada como se o tempo de que fala o autor fosse outro, alcançável apenas pela imaginação, em “Pedro” temos o contrário: a miséria humana se soma com a miséria da natureza, conspurcada como as vidas tortuosas que são ritmadas pelo rio para a fornicção, e para as quais não há saída otimista, pois o que se coloca é a solidão e a realidade da vida contemporânea com todos os seus dilemas.

Daniel Osiecki



## LITERATURA, LITERATURA, EGOS À PARTE

Yasmin Bomfim  
Técnica: Aquarela

Em tempos de grandes polêmicas com relação à censura de biografias é preciso prudência por parte dos autores. Há diversos casos de disputas judiciais intermináveis que se estendem há tempos e ainda sem previsão para acabar. Nomes da música popular brasileira, da dramaturgia, literatura e de diversas áreas distintas da cultura pop passaram a vetar certas visões de seus biógrafos, consideradas por eles, biografados, ou por seus herdeiros, não muito ortodoxas, dando a entender, dessa forma, o desejo por uma abordagem mais “chapa branca”.

Em setembro do ano passado, o escritor Domingos Pellegrini passou a divulgar pela internet um livro que havia escrito sobre Paulo Leminski. O motivo da divulgação de seu livro ter sido feito, a princípio, foi a censura por parte de Alice Ruiz e suas filhas com Leminski, Áurea e Estrela. Alice Ruiz alegou que o livro de Pellegrini passava uma imagem muito forçada de Leminski, enfático demasiadamente em seu problema com álcool e seu desapego material.

A postura um tanto beat de Leminski, baseados, bebida, pobreza, nunca foi novidade para ninguém, muito menos aos seus leitores. Não aos conhecedores de sua vida, mas aos seus leitores de fato. No livro *Minhas Lembranças de Leminski* (Editora Geração. 199 págs.), publicado no início de junho, Domingos Pellegrini faz um apanhado geral de sua relação com o “Polaco” (como Leminski é tratado no livro).

No breve relato, Leminski é transformado

em personagem, não sendo apenas um biografado. Personagem com voz própria, reflexões e opiniões contundentes sobre tudo que vê (de fora, pois já morreu há 25 anos). O acerto de Pellegrini no livro é basicamente na estrutura, conferindo à obra meio tom de romance e meio tom de biografia. Os narradores são alternados de capítulo para capítulo. Há o narrador Leminski, ou o Polaco, e o narrador Pellegrini, ou o Pé vermelho. Os pontos altos do livro, no entanto, são as reflexões do personagem Leminski sobre alcoolismo, cultura, literatura, política que são compostas por um humor ímpar, e isso Pellegrini faz muito bem.

Pellegrini é muito competente ao atribuir certas características ao Polaco sendo esse Leminski um personagem de ficção baseado no Leminski real. Entretanto, muito de suas lembranças de Leminski parecem especulação, mostrando um narrador (Pellegrini) preocupado em passar uma autoimagem acima de qualquer suspeita, correta, de bom rapaz. É evidente o domínio da técnica narrativa de Pellegrini, mas nos momentos em que a ficção cede espaço ao real, ele torna-se um tanto piegas e superficial. Não superficial em sua leitura sobre a obra de Leminski, que, inclusive, é bastante apurada, mas superficial sobre questões pessoais.

No final do livro, na seção intitulada Posts, Pellegrini reproduz na íntegra um e-mail de Alice Ruiz, no qual discorre sobre seus motivos por vetar a publicação do livro.

Caso não arrede pé do seu ‘estilo’ detrator do Paulo pessoa, fique à vontade para isso (publicar na internet). Não somos movidas a ameaças. A decisão é sua. (pág.190)

Autorizada ou não autorizada, a obra está publicada e tem certa importância. Por mais que Pellegrini se supervalorize alegando ser criativo e inventivo, ele não deixa de ter certa razão em sua originalidade. Talvez ele tenha razão, também, ao afirmar que o formato de seu livro, nada convencional para uma biografia, agradasse, principalmente, ao próprio Leminski.

Kendra DeColo  
Tradução: Miriam Adelman

**PRÓXIMA EDIÇÃO:**

Amanda Bacilla  
Osny Tavares  
Denise Bottman  
Projeto Era Meu Namorado

## ANTHEM

## "I HEART PUSSY"

Whoever believed these words  
enough to carve each letter  
into the green paint

of a bench drizzled with leaves  
one autumn, must have loved too the heat  
of the word

as it flushed from heart to finger,  
slipped through the throat like a koi  
in a corporate pond.

how you can say it sober on a clear morning  
and let the murk sprawl

open the inner eye, mouth  
stunned with the church-musk  
each cut and stroke  
made holy with gush and ephemera.

He or she must have felt the word  
pierce the core of their lopsided heart  
until it gleamed

in the gouged wood, must have  
stood on the bench like the president  
of all the strip malls  
of America, dressed in smoke  
and aftershave, wanting to shout:  
Praise the under-shimmer  
and bisected vowel! The world belongs to the panty-less  
and unshaved.

God bless the subwoofer and carnival  
ride-hitching, the jukebox  
junkies, five-and-dime  
store-thieving laureate  
of all things counterfeit  
and candescent.

He or she must have  
believed in a world where Pussy  
is king, where all day Pussy

rides the subways of the heart  
illuminating the anthems  
scrawled there

what is too precious  
to be said aloud,  
what is so beautiful it's a sin.

## HINO

## "EU CORAÇÃO XOXOTA"

Quem acreditou nestas palavras  
o suficiente para gravar cada letra  
na tinta verde

de um banco chuvicado de folhas  
em algum outono, deve também ter amado o calor  
da palavra

enquanto movia-se do coração ao dedo,  
deslizando-se na garganta como uma carpa  
num tanque corporativo.

como pode dizê-la estando sóbrio numa manhã clara  
e deixar a opacidade espalhar-se

abrir o olho interior, boca  
atordoada pelo almíscar de igreja  
cada corte e movimento  
tornando-se sacra pelo excesso e pelo efêmero.

Ele ou ela deve ter sentido a palavra  
furar o centro do seu torto coração  
até que brilhasse

na madeira machucada, deve ter  
ficado em pé no banco como o presidente  
de todos os shoppings de subúrbio  
da América, vestido de fumaça  
e pós-barba, querendo gritar:  
Louvados sejam a maquiagem brilhante  
e a vogal bipartida! O mundo pertence aos sem calcinha,  
aos que não fazem a barba

Deus abençoe o amplificador de som e o carnaval  
a carona, os viciados no  
jukebox, o ilustre ladrão  
de mercearia que furta  
todas as coisas falsificadas  
e incandescentes.

Ela ou ele deve ter  
acreditado num mundo onde Xoxota  
é rei, onde o dia todo Xoxota

passeia pelos trilhos do trem subterrâneo do coração  
iluminando os hinos  
que ali pixaram

algo que é tão precioso  
que não pode ser dito em voz alta  
algo que de tão belo, é pecado.